

# A VERDADE NO PENSAMENTO EPISTEMOLÓGICO DE HOWARD GARDNER

THE TRUTH IN THE EPISTEMOLOGICAL THOUGHT  
OF HORWARD GARDNER

**Bernadette Beber** \*

**Simoni Urnau Bonfiglio** \*\*

**Eduardo da Silva** \*\*\*

\* Pós-doutora em Engenharia e Gestão  
do Conhecimento - Faculdade Avantis.  
✉ bbeber@gmail.com

\*\* Mestre em Educação – Unifebe.  
✉ simonibon7@gmail.com

\*\*\* Mestre em educação - Univali.

## *R e s u m o*

O presente artigo decorre dos estudos desenvolvidos sobre os temas Epistemologia e Ciência no Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPEGC/UFSC). O objetivo deste artigo é descrever a visão epistemológica sobre ‘verdade’ defendida por Howard Gardner (1943), em sua relação com as ideias de Immanuel Kant (1724-1804) e Jean Piaget (1896-1980). Trata-se, portanto, do conceito de verdade e da ideia de verdadeiro sob uma ótica científica que, entretanto, é constituída através das relações intrapessoais e interpessoais, porque essas interferem e contribuem no estabelecimento de conceitos ou ideias. De modo intrínseco, o sujeito constrói seu conceito de verdade, e essa construção é mediada por interferências externas, decorrentes da mídia e de outros setores da sociedade. A elaboração do conhecimento ocorre pela reconstrução da verdade, levando-se em conta o desenvolvimento das percepções e as diferenças relacionadas à forma significativa com a qual o sujeito cognoscente configura o mundo.

*P a l a v r a s - c h a v e*: Ciência Contemporânea. Epistemologia. Conceito de Verdade.

## *Abstract*

This article results of the studies developed on the topics Epistemology and Science in the Graduate Program of Engineering and Knowledge Management (PPEGC / UFSC). The purpose of this article is to describe the epistemological view of 'truth' defended by Howard Gardner (1943), in its relation to the ideas of Immanuel Kant (1724-1804) and Jean Piaget (1896-1980). Therefore, this refers to the concept of truth and the idea of true in a scientific perspective, however, is constituted through intrapersonal and interpersonal relations, because they interfere and contribute in the establishment of concepts or ideas. Intrinsically, the subject constructs their concept of truth, and this construction is mediated by external interference, arising from the media and other sectors of society. The elaboration of knowledge occurs by the reconstruction of the truth, taking into account the development of the perceptions and differences related to the significant manner with which the knower shapes the world

*Keywords:* Contemporary Science. Epistemology. Concept of Truth.

## **1 Introdução**

A compreensão do conceito de verdade, tradicionalmente, relaciona a capacidade intelectual do sujeito com a realidade. Porém, no sentido clássico, a realidade é uma condição externa e independente do intelecto (JAPIASSU e MARCONDES, 2001). Nos casos em que a realidade é percebida como algo externo à mente, a questão central é saber com certeza se o intelecto é capaz de conhecer verdadeiramente a realidade. Mas, desde o pensamento platônico, a clara imprecisão das sensações colocou sob suspeita a experiência, privilegiando a capacidade racional e idealizadora do intelecto. Assim, as expressões da verdade são os pensamentos ou juízos verdadeiros, apesar da constante possibilidade de se produzirem juízos falsos (JAPIASSU e MARCONDES, 2001).

Há também outros filósofos, como os empiristas, que defenderam a experiência do mundo material como a única fonte da verdade, em contraposição aos juízos mentais. Mas, segundo o pensamento de Immanuel Kant, o conhecimento possível decorre da relação entre o percebido pelos sentidos e o ajuizado pelo intelecto. De maneira limitada, é isso que pode ser considerado verdadeiro.

Existem ainda outras diferentes abordagens teóricas sobre a verdade. Por exemplo, há a teoria consensual, que assinala que a verdade não se estabelece a partir da correspondência entre os juízos e a realidade. A verdade possível decorre do consenso entre os indivíduos que convivem intelectualmente em um mesmo período histórico. De modo geral, eles compartilham sua crença na mesma matriz teórica e, inclusive, compartilham a influência de teóricos do passado (JAPIASSU e MARCONDES, 2001).

O pensamento de Howard Gardner sobre o domínio dos processos cognitivos e o conceito de verdade é diretamente relacionado às ideias de Immanuel Kant, para quem os saberes da ciência decorrem do interesse pelo conceito de razão (LEITE, 2012) corroborando com os estudos de Jean Piaget (2010), que descrevem o desenvolvimento do sujeito no mundo (GOULART, 2005). Assim, a verdade é considerada no contexto da ciência, mas em interação com o mundo material e social.

Ao tratar o entendimento dos princípios básicos para a formação do cidadão, Gardner (2012) afirma que o indivíduo necessita dominar os conceitos relacionados à ética e aos valores morais, para garantir, ao máximo possível, a completude de conhecimento. A ideia de verdade, também, não é restrita a um conceito único. Assim, os conceitos de verdade se apresentam de maneiras diferenciadas, não podendo ser confundidos entre si, apesar de ocuparem o mesmo lugar. Isso ocorre devido ao variado conjunto de questões relacionadas ao tema, as quais são estabelecidas pelo próprio sujeito.

No tocante à escola, como espaço de relacionamento entre o conhecimento e a vida, Gardner (2012) considera a ampla missão de educar e ensinar. Assim, a ciência propõe os conceitos de verdadeiro e falso sob a luz das explicações científicas, mas a escola deve considerar e ensinar, também, os valores que formam o sujeito como um membro participante e representativo da comunidade.

Retomando-se o pensamento de Kant (1974), observa-se sua preocupação em considerar a razão pura, mas também a razão prática e a capacidade de julgar. Para Kant (1974), o conhecimento varia de acordo com o objeto observado. Assim, contornando suas limitações, o sujeito conhece o objeto e faz o seu juízo a respeito dele. A razão ultrapassa os limites do conhecimento, porque o sujeito busca o saber para conhecer, mas também para agir e libertar-se. Desse

modo, as instituições de ensino promovem o conhecimento mediado entre o racional, o sensível e o prático, buscando sabedoria para a vida. (LEITE, 2012).

Por outro lado, adotando uma visão integradora entre a racionalidade e a experiência, Piaget (1935/2010) preconiza que a verdade está ligada às 'verdadeiras experiências'. Assim, ocupa-se do sujeito epistêmico e concreto, para quem a cognição faz a função do conhecer. O olhar pedagógico está no ciclo ou estágio em que o sujeito se encontra; acredita que o sujeito constrói a aprendizagem na autonomia do raciocínio e no estabelecimento das competências morais e sociais que fundamentam a cognição.

As considerações apresentadas nesta introdução, sobre as ideias de Kant e Piaget (2010), propõem a integração entre o lado científico-racional e o lado empírico-moral do ser humano em situação de aprendizagem ou de conhecimento. Da mesma maneira e dialogando com Kant e Piaget, as ideias de Gardner corroboram a relação entre o racional e o social, já configurada nas abordagens kantiana e piagetiana.

## 2 O verdadeiro em Kant

A teoria do conhecimento de Kant (1974) tem como objetivo justificar a possibilidade do conhecimento científico do século XVIII, partindo da constatação de que nem o empirismo nem o racionalismo explicavam satisfatoriamente a ciência. Kant (1974) mostrou que, apesar de o conhecimento fundamentar-se na experiência, esta nunca se dá de maneira neutra, pois *lhes são impostas* as formas da sensibilidade e do entendimento, característica da cognição humana (LEITE, 2012).

A crítica a princípios, hipóteses e conclusões das diferentes ciências torna-se inevitável, visto que as verdades são discutíveis e, a cada dia, devem ser adequadas em função das variações da realidade e das demandas apresentadas no cotidiano. Isso altera os valores e a dinâmica do mundo pedagógico, que promove o exercício de ensino e aprendizagem.

Na prática, a verdade do século passado não corresponde de forma efetiva à realidade atual. A sociedade está em constante processo de transformação, obrigando a ciência a promover mudanças no que diz respeito às suas crenças e ao conhecimento proposto. O sujeito que se encontra envolvido no processo de

aquisição de conhecimento também está em transformação decorrente dos estímulos externos, que são alterados pela realidade dinâmica (GARDNER, 2012).

Se hoje há uma constante ampliação da realidade e da dinâmica social, anteriormente, Kant já alertava para a interação entre razão e experiência, apesar de, como racionalista, enfatizar o domínio da razão ou da racionalidade como característica do ser humano. Para ele, a razão é a ‘verdade’ intrínseca do sujeito, que supera o “experenciar” na “animação da vontade”. “A natureza do ser humano é ‘experiência interna’. Porém, tal experiência interna vive de aparência e de auto-engano, visto a natureza ter implantado deixar ‘enganar’” (LEITE, 2012, p.52).

Na teoria do conhecimento, Kant (1974) afirma que conhecer é informar, ou seja, “dar forma a uma matéria” (LEITE, 2012, p.41), considerando “forma” como sinônimo de ideia. Sendo assim, o conhecimento varia de acordo com o material e o formato do objeto observado e com a forma ou ideia do sujeito que o observa. A experiência do objeto é conceituada de acordo com a reserva simbólica do sujeito observador, visto que, a priori, este reconhece o objeto de acordo com um juízo pré-estabelecido. Portanto, a razão tende a ultrapassar os limites do conhecimento experiencial ou fenomênico.

Como elemento interno, a forma ou a ideia corresponde ao modo como as características observadas nos fenômenos são representadas subjetivamente. A atuação do sujeito no mundo fenomênico depende da maneira particular como percebe, e isso é influenciado também por sua intencionalidade. A intenção do sujeito é relevante, pois confronta o seu interno com aquilo que vê externamente, pela vontade e prática, “o arbítrio é a própria razão prática” (LEITE, 2012, p.77).

Para Kant (1974), a “forma” é algo interno, caracterizado como pura sensibilidade. Assim, o sujeito abstrai do objeto tudo o que pertence às sensações: forma, cor, substância, peso e sentido externo, numa representação da mente fora do sujeito, apesar de a natureza do homem ser a “experiência interna”. Deste modo, o homem faz de si um animal racional que: “(1) primeiro, conserva a si mesmo e a sua espécie; (2) segundo, a excita, instrui e educa para a sociedade doméstica; (3) terceiro, a governa como um todo sistemático (ordenado segundo princípios da razão) próprio para a sociedade” (BORGES, 2005, p.55).

As coisas, portanto, não dependem necessariamente do mundo externo, mas dos fenômenos, nos quais a percepção se torna universal. Vale considerar aqui que o fenômeno é caracterizado pelo modo particular como o sujeito acessa os dados

que considera serem parte da realidade externa ou interna à mente. O sujeito considera as coisas percebidas como verdadeiras abordando-as sob dois prismas: (1) o racional e (2) o sensível. O prisma racional está relacionado à causa, e o prisma sensível atua sobre o efeito da causa. O conhecimento ocorre pelo uso da razão e pelo comportamento. Pois, “toda causalidade da causa, é ela própria uma ocorrência, sendo, portanto, o efeito de uma outra causa” (BORGES, 2005, p.164).

Em Kant (1974), a questão do outro e das relações coletivas não implica diretamente o estudo da racionalidade e do conhecimento do sujeito individual com relação ao objeto fenomênico. Porém, no contexto da educação como campo sociorrelacional e interativo, considera-se que, na abordagem kantiana, o sujeito em busca de si mesmo compartilha conhecimentos expressando saberes e instigando outros sujeitos para essa busca.

Além do aspecto racional, a verdade para Kant (1974) está pautada no “dever”, na “vontade” e, também, na “liberdade”. O sentido de liberdade é doado pela independência da percepção humana com relação ao real absoluto, uma vez que somente os fenômenos lhe são acessíveis. Assim, o mundo fenomênico não é isolado do sujeito porque se manifesta em sua mente, e essa percepção é influenciada por sua vontade e por seu senso de dever ou moralidade. Isso estabelece a interação entre a racionalidade lógica e a razão prática.

### **3 O verdadeiro em Piaget**

No campo filosófico epistemológico, coube a Kant o pioneirismo no estabelecimento da interação entre o mundo lógico (razão pura) e o mundo experiencial e moral (razão prática). Diferentemente de Kant, que atuou no contexto filosófico do século XVIII, Jean Piaget atuou no contexto científico do século XX, dedicando-se à psicologia cognitiva. Assim, Kant (1974) utilizou-se da filosofia para estudar o conhecimento como produto da racionalidade e, mais de um século depois, Piaget utilizou-se da ciência para estudar a atuação da cognição humana na produção do conhecimento, entre outras questões.

Os estudos de Piaget em Psicologia influenciaram os estudos e as práticas da educação. No seu trabalho, o desenvolvimento do sujeito foi categorizado por faixa etária, em decorrência de suas observações sobre os comportamentos das crianças, enfatizando o pensamento verbal e o seu desenvolvimento moral e afetivo.

Nos anos de 1930, os estudos de Piaget (2010) privilegiaram as manifestações da inteligência, da percepção e da formação dos conceitos, verificando que o sentido de verdade é relacionado às experiências verdadeiras. Primeiramente, seu método pautava-se na observação e no controle experimental do comportamento. Contudo, em 1940, seu trabalho convergiu para o método dedutivo, buscando a compreensão dos fundamentos das estruturas lógicas. Por fim, após mais uma década, seus estudos são caracterizados como uma epistemologia genética, “que estuda as passagens dos conhecimentos ‘menos estruturados’ a estados de conhecimento ‘mais estruturados’” (GOULART, 2005, p. 14).

Para Piaget (2005), o conhecimento está na compreensão de um sujeito universal, não se atendo a muitas variáveis. Portanto, ele se ocupa com o sujeito epistêmico ou o sujeito concreto “do conhecimento”. O desenvolvimento psíquico ocorre de maneira global; entretanto, há aspectos e funções particulares que o influenciam. Assim, há a função de conhecer a realidade, que é vinculada à necessária função de compor uma visão de mundo, requerendo a evolução e a organização do pensamento lógico e de uma estrutura de organização da realidade. A ênfase recai sobre o pensamento operatório, que caracteriza o intelecto do adulto. Contudo, há um vínculo constante entre o pensar e o vivenciar ou agir no mundo. O pensamento lógico começa a evoluir desde as primeiras ações do homem sobre o mundo considerado externo à mente. Outra particularidade define a função de representação, que culmina no domínio simbólico, havendo também a função afetiva, que possibilita a autonomia moral do sujeito, apesar de o privilégio teórico recair sobre as funções cognitivas. (GOULART, 2005).

Os estudos piagetianos sobre o desenvolvimento da cognição influenciaram diretamente nos estudos posteriores da educação. A relação entre o processo cognitivo e as vivências no mundo percebido propõe termos como: “assimilação, acomodação e adaptação”, considerando que “a ação humana consiste, portanto, no movimento contínuo de adaptação ou equilíbrio” (i.p.23). O desenvolvimento da estrutura mental visa à manutenção da estabilidade do sujeito, auxiliando no restabelecimento do equilíbrio que, constantemente, é ameaçado pela insurgência de novas necessidades (GOULART, 2005).

Para Piaget (2005), a interação do sujeito com o mundo percebido ocorre em estágios que, parcialmente, vão compondo o desenvolvimento do conhecimento e de sua visão da realidade e o aprimoramento das funções afetivas.

Os estágios variam cronologicamente de acordo com a individualidade de cada pessoa. Porém, de modo geral, (1) o estágio sensório motor ocorre entre 0 e 24 meses, que é caracterizado pela ausência da função simbólica e de pensamentos consequentes; (2) o estágio objetivo simbólico ou pré-operatório ocorre entre 2 e 7 anos, sendo caracterizado pela instalação da função simbólica evidenciada pela linguagem; (3) o estágio operacional concreto ocorre aproximadamente entre 7 e 12 anos, caracterizado pelo contato direto com o “real” e por operações abstratas e formais; (4) a partir dos 12 anos, o sujeito parece capaz de distinguir o “real”, além de compor e manejar hipóteses.

O aspecto interessante na abordagem cognitiva de Piaget é a construção do “real” no sujeito por meio do processo de desenvolvimento cognitivo. Assim, mesmo sem questionar as condições de existência do mundo externo ao intelecto, Piaget (2005) indica que a mente representa para si a realidade, em decorrência do desenvolvimento cognitivo.

Por outro lado, Goulart (2005) assinala que a teoria de Piaget não defende que o sujeito isolado produz de maneira autônoma seu conhecimento. A ênfase na relação entre o sujeito e o mundo externo, também, implica a sua interação com outras pessoas, incluindo “trocas verbais” e outros meios de comunicação, e isso é necessário ao desenvolvimento do raciocínio lógico, de maneira coerente com a cultura do ambiente. As relações interpessoais são mediadas pelas formas cognitivas, mas, essas relações são dirigidas pelas formas afetivas, porque estas orientam o desenvolvimento da autonomia, dando suporte para o estabelecimento das competências morais e sociais. Por sua vez, estas também estruturam e fundamentam a cognição. “A aprendizagem é um processo contínuo que requer uma interação com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva e deve subsidiar a descoberta de novos conhecimentos” (PALANGE, 1999, p.98). Isso propõe a interação entre pensar e agir, relacionando a percepção e a imaginação no processo de transformação do mundo.

Pensar é fazer interagir a ação sensório-motora com o intelecto, estabelecendo, na composição do par ‘sujeito-objeto’, a intercomunicação entre os conteúdos intelectuais e o mundo percebido (MONTROYA, 2011). A verdade possível de ser construída e devidamente considerada decorre dessa relação.

#### 4 O verdadeiro em Gardner

Recuperando os valores da cultura ocidental, cuja base provém da Antiguidade greco-romana, Howard Gardner (2012) trata dos conceitos em relação às virtudes humanas de verdadeiro, belo e bom, para propor especialmente um pensar quanto à possibilidade e à natureza da verdade. Considera a verdade crucial na formação do sujeito, já que lhe proporciona refinamento e aperfeiçoamento continuado, de acordo com o sentido moral que a sociedade espera encontrar nas ações individuais. Portanto, primeiramente, Gardner aproxima-se do conceito de verdadeiro pelo viés da moralidade, acreditando que, se desconsiderarmos o sentido de verdade, “estaremos nos resignando a um mundo em que nada tem valor, em que qualquer coisa serve” (GARDNER, 2012, p.18).

A herança das teorias de Kant e, especialmente, de Piaget aparece na medida em que Gardner (2012) assinala a verdade como decorrente da possibilidade de o sujeito desenvolver as habilidades por meio da experiência, como modo de conhecer o mundo. Isso lhe permite alterar, retificar ou mesmo a reprovar modelos pré-estabelecidos, em favor de modelos mais “verdadeiros”. Assim, “a verdade pode ser estabelecida apenas como base nos sentidos da pessoa” (GARDNER, 2012, p.46). A necessidade de evolução dos modelos de mundo é dinamizada pela aplicação de tecnologias aprimoradas em todos os setores da atividade humana. Isso acelera o processo de transformação das relações sociais, afetando o modo como as pessoas trabalham, pensam, relacionam, comunicam entre si e, também, como direcionam suas decisões.

Os processos de evolução e adaptação de modelos retiram do horizonte filosófico a ideia de uma verdade única e apriorística, incluindo verdades diferenciadas, de acordo com situações variadas em diversas esferas do conhecimento. Isso implica a dificuldade de definição do que é verdadeiro e o desafio de manter a ideia de verdade como um valor ao longo do tempo, inclusive, influenciando as gerações futuras. Para Gardner (2012, p. 32), é necessário “preservar a ideia central da verdade, em que os indivíduos trabalhem com cuidado e de forma cooperativa ao longo do tempo, convergindo cada vez mais para uma determinação do estudo das coisas”.

Gardner (2012) aponta a necessidade moral da verdade, mas assevera que o reconhecimento do verdadeiro não se restringe ao conhecimento sensorial e, tampouco, à ideia da verdade apriorística, que permeia e domina o senso comum.

Os dados dos sentidos e das outras experiências mediadas por instrumentos devem ser sistematizados e analisados, por meio da reflexão intelectual, visando a discernir se ‘a verdade é verdadeira’.

A mensagem de Gardner (2012) é dirigida às pessoas que, agora, estão imersas na mídia eletrônico-digital e constantemente acionadas ou influenciadas por interesses comerciais, políticos ou jornalísticos. Isso implica a leitura crítica das notícias cotidianas, com relação aos desencontros entre interesses e verdade. É necessária a compreensão das “maneiras pelas quais nossos sentidos são fiéis e das maneiras pelas quais eles nos iludem; para as maneiras pelas quais um repórter ou comentarista pode se esforçar para obter a história certa ou passar adiante suas propensões, de maneira voluntária ou não” (GARDNER, 2012, p. 47-8).

## 5 Discussão

Gardner (2012) considera a verdade como o produto da possibilidade de construção de modelos de mundo, em decorrência de uma relação interativa e evolutiva. A relação é estabelecida entre os dados da percepção do sujeito e sua reflexão intelectual sobre a experiência, de maneira coerente com as circunstâncias.

Há no pensamento de Gardner (2012), a confirmação do caráter evolutivo no processo cognitivo do sujeito, conforme havia sido anteriormente indicado por Piaget. Em sua teoria, Piaget assinala que o processo cognitivo, o conhecimento e o reconhecimento da verdade são desenvolvidos em diferentes estágios do amadurecimento biológico e intelectual da criança.

Na filosofia de Kant (1974), o conhecimento e a verdade devem ser mais universais e perenes do que os pressupostos das psicologias de Piaget e Gardner. Porém, os dois psicólogos concordam com o filósofo, na medida em que atribuem o conhecimento e a possibilidade de verdade como decorrência da interação entre as percepções do mundo fenomênico e os juízos intelectuais ou cognitivos.

Para os três estudiosos, há o sentido de parcialidade na possibilidade de reconhecimento do verdadeiro. Isso é proposto por Kant que, inclusive, duvida da existência da realidade apriorística, asseverando que, caso exista esta realidade ou a ‘coisa em si’, a mesma é inalcançável para o sujeito humano. Piaget considera que a cognição, o conhecimento e o sentido de verdade decorrem do processo evolutivo da mente, primeiramente, em interação com o mundo percebido pela

criança. Gardner assinala a necessidade moral da verdade, configurando-a como a produção ou a adaptação de um modelo de mundo coerente com as circunstâncias.

Para Gardner (2012), a verdade: (1) decorre da interação entre o mundo fenomênico e o intelecto, concordando com Kant; (2) é evolutiva, sendo constituída por meio do desenvolvimento cognitivo, afetivo e experiencial, concordando com Piaget; (3) por fim, a verdade é circunstancial porque se apresenta como um modelo possível e o mais adequado a certa circunstância. Mudando-se as circunstâncias, deve-se, criticamente, buscar modelos mais verdadeiros para a nova realidade. A ideia de verdade deve ser cultivada e transmitida, como uma busca sincera e constante por coerência, adequação, eficiência e justiça.

## 6 Conclusão

As ideias de realidade e verdade como descoberta intelectual da natureza das coisas externas à mente, que seriam apriorísticas, eternas e imutáveis, foram combatidas ao longo da história da filosofia moderna. Entre outros críticos do dogmatismo filosófico, Immanuel Kant (1724-1804) foi o responsável pela configuração de realidade e verdade, como decorrências da interação entre as percepções dos sentidos e os juízos do intelecto.

Um século mais tarde, já no campo da ciência, Jean Piaget (1896-1980) descreveu as etapas do processo evolutivo-cognitivo das crianças, de acordo com a idade dos sujeitos observados. Assim, desvendou o caráter evolutivo-interativo da cognição, do conhecimento e do sentido de verdade. As ideias de Piaget repercutiram e influenciaram decisivamente o campo teórico-prático da educação no século XX.

Herdeiro do pensamento ocidental, Howard Gardner (1943) ocupa-se das questões relacionadas à educação contemporânea, considerando o desenvolvimento evolutivo-cognitivo dos indivíduos, diante de suas múltiplas inteligências e competências e, ainda, sob a influência da cultura midiática.

A questão destacada neste artigo, portanto, assinala as influências do pensamento de Kant e Piaget sobre o pensamento de Gardner, tratando ainda da aparente incompatibilidade entre a necessidade moral de permanência da ideia de verdade e o caráter evolutivo e dinâmico da cognição, do conhecimento e daquilo que, somente de maneira circunstancial, pode ser considerado verdadeiro.

O que deve permanecer, entretanto, é o compromisso com a busca pela verdade, que implica descobertas compatíveis com a ideia imediata de realidade natural, mas também com a ideia de justiça social, sendo igualmente bom e belo, de acordo com parâmetros morais. Assim, cognição e afetividade devem ser aliadas na construção da verdade, a qual é permanente como conceito, mas dinâmica e circunstancial como solução prática parcial decorrente da elaboração evolutiva de modelos cognitivos do mundo, que são constituídos entre a experiência dos sentidos e das relações sociais e a intelectualidade dos juízos.

## Referências

- BORGES, M.L.; HECK, J. *Kant: liberdade e natureza*. Florianópolis: UFSC, 2005.
- GARDNER, H. *O verdadeiro, o belo e o bom redefinidos: novas diretrizes para a educação no século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- GOULART, I.B. *Piaget: experiências básicas para a utilização pelo professor*. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- KANT, I. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- LEITE, F.T. *10 lições sobre Kant*. 6.ed. – Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MONTOYA, A.O.D. et al. *Jean Piaget no século XXI – epistemologia e psicologia genéticas*. Marília: Cultura Academia, 2011.
- PALANGE, I. *O enigma do conhecimento*. 2.ed. Brasília: Série Formação de Formadores, 1999.
- PIAGET, J. (1935) *Psicologia e pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.